

○ sentido social da solidão na poesia de Mascha Kaléko

The social meaning of loneliness in Mascha Kaléko's poetry

Daniel R. Bonomo¹

Resumo: O texto investiga os sentidos do isolamento na lírica de Mascha Kaléko. Interessa à abordagem em particular os significados sociais no tratamento do tema da solidão em algumas composições reunidas no título *Das lyrische Stenogrammheft*, de 1933. O trânsito entre vida pública e privada, assim como as articulações daí resultantes, que tensionam os conflitos individuais no contexto da cidade moderna, organizam, aqui, os critérios de aproximação aos poemas. O objetivo é reconhecer na poesia da autora uma possibilidade de relacionar de maneira produtiva o momento presente e o potencial interpretativo implicado na representação da experiência da metrópole, partindo de Berlim, na República de Weimar.

Palavras-chave: Mascha Kaléko; solidão e isolamento; representações da cidade.

Abstract: This paper explores the meanings of isolation in Mascha Kaléko's lyric poetry, especially in some pieces from the collection *Das lyrische Stenogrammheft* (1933). More specifically, I intend to outline the social formations of loneliness in these poems, whilst analysing individual conflicts between public and private spheres in modern urban life. As a result, Kaléko's lyric poetry may offer an interpretative framework grounded on a historical representation of the metropolis (Weimar Berlin) for assessing present-day issues, such as self-absorption and loss of community.

Keywords: Mascha Kaléko; loneliness and isolation; representations of the city.

A presente leitura da poesia de Mascha Kaléko remete a uma circunstância pessoal e a circunstâncias de ordem geral, que se cruzam e devem justificar, aqui, este meu ponto de partida em primeira pessoa.² Essa leitura decorre, portanto, do acaso que me fez ler os poemas de Mascha Kaléko agora, isolado, na atual crise sanitária, entre 2020 e 2021. Esse acaso e as circunstâncias atuais fizeram com que eu desenvolvesse uma relação afetiva com alguns dos seus poemas, antes de tudo porque o isolamento é um tema importante no imaginário e na imagética urbana de Mascha Kaléko. Assim, enquanto lia os poemas em casa e de algum modo sentia falta da vida na cidade, o tema

¹ Professor na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais e membro do Instituto de Estudos de Literatura e Tradição da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. drbonomo@gmail.com

² O tom pessoal no início e algumas escolhas no decurso do texto indicam a situação na qual ele foi comunicado primeiramente, durante a XIV Jornada de Literatura Alemã da Universidade de São Paulo, entre 16 e 18 de dezembro de 2020. Para a publicação, fiz poucas alterações.

da solidão urbana parecia ganhar novo sentido. Ao mesmo tempo, enquanto lia os poemas, ouvi de um amigo, que envelhece como todos nós, a vontade de ter um filho, para se sentir menos só. Por mais que me solidarizasse, eu não pude evitar o pensamento de que neste planeta, com quase oito bilhões de habitantes, a gente insiste em se sentir só. Mais ainda, neste planeta que se consome, isto é, que se vai esgotando neste processo de consumo total dos seus recursos e sugere, em resposta, conclusões catastróficas, muitos querem ainda filhos também como forma de amenizar a própria solidão. Sem desmerecer essas manifestações de sofrimento, sem fazer pouco da solidão pessoal, nem simplificar essas realidades, o que me aflige aqui é como a solução individual persiste e revela a nossa cultura tão cética no fundo, tão pouco afeita às saídas coletivas, mesmo que se fale nelas com frequência, nos discursos públicos e nas rodas mais íntimas. Enfim, para abreviar, a minha solidão de quarentenado rigoroso e essa atenção à dificuldade de solidão observada numa condição particular, mas que se pode generalizar até certo ponto, marcaram a minha leitura neste momento dos poemas de Mascha Kaléko, fazendo sobressair os possíveis sentidos sociais da solidão, que definem em ampla medida a ideia de solidão na cidade, a ideia de “aglomerada solidão”, como dizia já Tom Zé num verso da famosa canção que dedicou a São Paulo, no fim da década de 1960.

Como a poeta é pouco conhecida em nosso contexto, cabe mencionar algum dado biográfico. Mascha Kaléko (ou Golda Malka Aufen) nasceu em 1907 na Galícia, Império Austro-húngaro, em território hoje pertencente à Polônia. Em 1918, ela se muda com a família para Berlim, onde publica os primeiros poemas, ainda jovem, a partir de 1929, obtendo já algum reconhecimento. Em Berlim também estudou, trabalhou, casou-se pela primeira vez e frequentou a cena artística dos cafés na passagem dos anos 1920 para os 30. O primeiro livro é *Das lyrische Stenogrammheft*, algo como “O caderno de estenografia lírico”, de 1933. No ano seguinte dá à luz outra coleção de poemas, *Kleines Lesebuch für Große*, e até o fim da vida irá lançar mais títulos, por exemplo, *Verse für Zeitgenossen* (1945), aos quais se acrescentam as publicações póstumas. A sua lírica é inicialmente vinculada à temática modernista e também associada muitas vezes, pela forma objetiva, crítica e cômica, à tradição de Heine e à produção de um contemporâneo seu como Erich Kästner. Foi elogiada em diferentes ocasiões por Thomas Mann, Hermann Hesse, Gottfried Benn e Martin Heidegger, que lhe escreveu em 1959.³ Nessa época ela

³ V. Mascha Kaléko – *Biografie* (2007), de Jutta Rosenkranz.

morava nos Estados Unidos, para onde emigrou em 1938. Mascha Kaléko era judia e, já em 1935, a sua obra foi considerada nociva e indesejável, e foi proibida pelo regime nazista. Ela se mudou finalmente para Israel em 1960, onde viveu os últimos anos. Morreu em Zurique, voltando de uma viagem a Berlim, em 1975.

A minha intenção aqui é refletir, como anuncia o título, sobre o teor social da solidão nos poemas de Mascha Kaléko. Isso não significa a ausência em seus versos de uma solidão existencial, por assim dizer, uma solidão metafísica, que reflita a gratuidade humana em meio à inconcebível imensidão cósmica, em composições divertidas inclusive, como num poema sobre a fortuna inscrita talvez nas estrelas e revelada na leitura do horóscopo (“*Horoskop gefällig...?*”), ou em composições mais ternas, como num poema dedicado a uma criança no escuro (“*Einem Kind in Dunkel*”), na verdade uma bonita canção de ninar. Seria até melhor evitar distinguir excessivamente a solidão social da existencial, porque na prática elas se misturam e na teoria a discussão é muito ampla e antiga. A solidão é um desses temas que atravessam os tempos e vão se transformando na passagem para os modernos, e é um desses conceitos investidos de significações positivas ou negativas, a depender da perspectiva que se mobiliza. Para não me perder em assunto infinito e a fim de começar evocando a apreciação positiva da vida solitária sob determinados aspectos, faço menção a dois autores apenas, referências no tema.

O primeiro é Sêneca, que não defendeu o estado solitário absolutamente, mas pôde recomendar em algum momento a solidão em doses. Ele afirma, em *Sobre a tranquilidade da alma*, na tradução de José Eduardo Lohner, que é

[...] também muito importante recolher-se em si mesmo, pois o trato com pessoas diferentes altera nosso equilíbrio, reaviva as paixões e exacerba tudo que há de fraco e mal curado em nossa alma. Contudo, é preciso mesclar e alternar essas duas coisas: a solidão e o contato social. Aquela [a solidão] nos fará ter saudade dos outros, esta [a vida em sociedade], de nós; e uma será o remédio da outra, o ódio à turba terá cura na solidão, o tédio da solidão, na turba (SÊNeca, 2014, p. 223).

Montaigne, que era leitor de Sêneca e é meu segundo exemplo, recomendava também o retiro da sociedade inspirado pela ideia de que ninguém escapa da própria alma e que por isso “é preciso trazê-la de volta e refugiá-la em si”, agora na tradução de Rosa Freire D’Aguiar (2010, p. 167). Segundo Montaigne, “essa é a verdadeira solidão, e que pode ser desfrutada no meio das cidades e das cortes dos reis; mas a

desfrutamos mais convenientemente à parte” (*ibidem*). Como se vê, os dois exemplos fazem uma apreciação positiva da solidão reconhecendo igualmente a importância da vida em sociedade, seja como um contraponto, no caso de Sêneca, seja como realidade que não chega a interferir nos méritos da solidão verdadeira, no caso de Montaigne. Algo dessa perspectiva se mantém na modernidade via concepções do isolamento como oportunidade para o próprio benefício moral e artístico. Nesse caso a solidão é incentivada por vezes como uma escolha que distingue pessoas mais sensíveis ou menos medíocres. O ideário romântico poderia nos dar muitos exemplos dessa espécie, que são desnecessários, até porque a ideia já foi tão explorada que se vulgarizou em clichê. Simultaneamente, porém, a representação do isolamento foi adquirindo conotações menos positivas, especialmente com o arrefecimento da impregnação religiosa do mundo. Se no século XVII aquela famosa meditação podia afirmar que “nenhum homem é uma ilha” (John Donne), nos séculos posteriores foi cada vez mais difícil reproduzir essa frase. A secularização progressiva desde o século XVIII foi pouco a pouco invalidando o sentido religioso dessa frase e fazendo de todo homem alguma ilha. Mesmo Robinson Crusoé, que é religioso, não deixava de ser ele próprio uma ilha, ao menos uma ilha de convicções na maior parte do tempo. O isolamento de Robinson Crusoé na ilha é tão emblemático da modernidade porque, entre outras razões, figura a solidão involuntária, e assim agita uma espécie de sofrimento contrária à satisfação do modelo de Montaigne. Aqui, a apreciação positiva ou negativa da solidão parece encaminhar uma solução esquemática, que dependeria de uma escolha pessoal, isto é: fica bem sozinho o indivíduo que escolhe a solidão, e fica mal a pessoa que se encontra sozinho a contragosto. Mas as coisas não funcionam bem assim, as realidades são mais complicadas e as próprias escolhas individuais guardam muitas vezes pouco poder de decisão. A vida na cidade moderna mostra isso. Em geral uma pessoa não escolhe se sentir só em meio à multidão, embora escolha viver na cidade. Do mesmo modo a escolha por viver desta ou daquela maneira implica muitas vezes o isolamento involuntário num sistema individual de valores, que adquire aparência de necessidade e se converte em estratégia incômoda de sobrevivência, alimentando a solidão. Nesse sentido mesmo pessoas que partilham valores semelhantes não se comunicam bem, porque a origem e o fim desses valores residem nessas mesmas pessoas e não excedem os seus contornos individuais. A cidade é o espaço por excelência dessa forma de solidão, a solidão de uma comunidade anticomunitária, digamos. Na cidade moderna secularizada de algum modo toda a gente se tornou uma

ilha desgarrada, mesmo quem se entope de obrigações e finalidades, ou sobretudo quem vive assim. Quer dizer, carregando por enquanto nas tintas negativas, a cidade como um ambiente para indivíduos e esvaziado de sentido comunitário é um vasto arquipélago de homens e mulheres à deriva, atrás de um porto seguro, às vezes lutando pela simples sobrevivência, fomentando expectativas e experimentando frustrações. Claro que a cidade é muito mais que isso, mas este era o enquadramento que eu desejava criar de início aqui, para retornar à poesia de Mascha Kaléko.

A poesia de Mascha Kaléko, sem ser exatamente pessimista, articula os seus conteúdos referentes à ideia de solidão sobretudo neste campo semântico negativo, que envolve a ideia de cidade grande. Em *Das lyrische Stenogrammheft*, a solidão aparece na verdade como um elemento que atribui sentidos negativos às diferentes experiências na cidade. Por exemplo, a solidão num café, como no poema “*Angebrochener Abend*”; a solidão numa sala de espera, no poema “*Kassen-Patienten*”; ou a solidão no casamento, no poema “*Der nächste Morgen*”. Aliás, na vida afetiva, a solidão marca presença em mais casos, como no poema “*Abschied*”, que inicia da seguinte maneira:

*Jetzt bist du fort. Dein Zug ging neun Uhr sieben.
Ich hielt dich nicht zurück. Nun tut's mir leid.
– Von dir ist weiter nichts zurückgeblieben
Als ein paar Fotos und die Einsamkeit.*⁴

Em seguida, neste mesmo poema, a solidão é desdobrada primeiro por oposição às ruas mais barulhentas de Berlim e depois com imagens da vida privada, no apartamento mobiliado, em que se vive de aluguel. A solidão aparece também nesse plano negativo associada à pobreza, como no poema “*Gewissermaßen ein Herbstgedicht*”, em que se menciona uma forma de isolamento bastante original e muito sem graça, que é a redução do hábito de leitura à leitura da própria obra, na falta de dinheiro para comprar os livros dos outros. Ainda é preciso mencionar a solidão associada ao trabalho, que desempenha um papel importante aqui. No geral, o trabalho em questão é o trabalho de escritório, que deve implicar a própria autora e recupera de algum modo o título do livro, a estenografia. Entretanto, um dos poemas mais interessantes nesse sentido da associação entre isolamento e trabalho é “*Meditation eines Hof-Sängers*”, com este

⁴ Você partiu. No trem das nove e sete./ Não o impedi, agora sinto a aflição./ – A você nada do que ficou remete/ Além de umas fotos e a desolação. (KALÉKO, 1999, p. 11) [Tradução minha]

personagem de um artista, que ganha a vida cantando sozinho nos pátios internos dos prédios, pedindo uns trocados entre latas de lixo e estendais, e janelas que não se manifestam. O poema é bonito, tocante e comunica realmente uma condição solitária, pelas imagens que propõe e explora.

Enfim, recapitulando, o que eu percebo à primeira vista nos poemas de Mascha Kaléko em *Das lyrische Stenogrammheft* é como o tratamento da solidão modula negativamente as experiências na cidade, e como isto ocorre em dois planos, como sugeri a propósito do poema “Abschied”, que intensifica o isolamento, após a decepção amorosa, primeiro com a imagem das ruas cheias e barulhentas da cidade, depois com o apartamento mobiliado. Ou seja, a modulação negativa da solidão nos poemas divide-se entre os planos público e privado, sem que, ao que tudo indica, as exigências daquele e as facilidades deste diminuam o sentimento solitário. Eu posso dar outro exemplo. No poema “Spät nachts”, algo como “Noite avançada”, o efeito de solidão decorre do testemunho de como a vida na cidade vai acabando com o fim da noite, como as casas, a música vai silenciando, o ruído dos carros e das máquinas vai desaparecendo, e um ônibus cruza uma rua morta, e um morador de rua se recolhe, e a escuridão vai se impondo, a lua vai fechando os olhos, até a calmaria, na quadra final do poema:

*Es ist so still, als könnte nichts geschehen.
Jetzt schweigt des Tages Lied vom Kampf ums Brot.
– Nur irgendwo geht einer in den Tod.
Und morgen wird es in der Zeitung stehen...⁵*

Na verdade todo o poema, que se constrói pelo processo que eu mencionei de uma observação passo a passo do esvaziamento da cidade; todo o poema, intensificando a solidão alheia e a própria, encaminha esse desenlace. As diferentes formas de solidão na cidade que se esvazia levam à imaginação de alguém morrendo em algum canto da cidade como a última forma da solidão. Além disso, essa menção final a alguém que morre e motiva uma notícia no jornal é uma espécie de síntese desse conflito que dificulta afetivamente as relações entre pessoalidade e impessoalidade. A lembrança do necrológio concentra esse conflito, dando à morte, que a gente talvez prefira íntima e

⁵ É como se nada pudesse ocorrer, a calma é tamanha./ Da faina diária a trilha sonora emudece./ – Mas em algum lugar um alguém falece./ E vai sair a notícia, no jornal de amanhã... (KALÉKO, 1999, p. 21) [Tradução minha]

pessoal, uma exposição indesejável porque mais ou menos fria. E o fato de que é a desocupação do espaço urbano ao fim da noite que traz esses medos revela também como o dia na cidade, ocupado e ruidoso, responde a uma necessidade de distração, para a gente esquecer que morre, enfim, sós. Nesse mesmo sentido o desaparecimento da atividade urbana faz lembrar o estado provisório de tudo, velho tema, opondo a agitação da cidade, que se repete e distrai, à estabilidade da morte, que é única, que não aceita a distração e é solitária, como no fundo a própria vida.

Quer dizer, como se vê, o espaço público na poesia de Mascha Kaléko não é uma solução para a existência solitária, mas tampouco o espaço privado se apresenta aí como saída para a solidão. Um bom exemplo nesse sentido é o poema “*Interview mit mir selbst*”, entre os mais representativos do conjunto. É um poema no qual a autora fala de si, da infância numa cidade pequena à ida para Berlim, onde estudou durante a guerra e agora trabalha. Eu vou citar apenas as duas estrofes finais, que interessam mais aqui:

*Acht Stunden bin ich dienstlich angestellt
Und tue eine schlechtbezahlte Pflicht.
Am Abend schreib ich manchmal ein Gedicht.
(Mein Vater meint, das habe noch gefehlt.)*

*Bei schönem Wetter reise ich ein Stück
Per Bleistift auf der bunten Länderkarte.
– An stillen Regentagen aber warte
Ich manchmal auf das sogenannte Glück...⁶*

Como se vê pelo último verso, a espera por uma felicidade suspeita contribui para a formação do campo semântico negativo ao qual me referi antes. Agora, no desenvolvimento dessas duas estrofes, interessa a passagem do mundo profissional, de empregada mal paga, para o mundo pessoal, onde escreve às vezes um poema. Ainda que a proposta, na última quadra, de viajar sem sair de casa, traçando com o lápis um caminho no mapa; ainda que essa proposta, também ligada à atividade criativa da poesia, atribua estilo e confira graça às dificuldades da solidão e da pobreza, a passagem do público ao privado não se lê aí como solução propriamente, quer dizer, o poema não contrapõe as escolhas pessoais como formas de compensar simetricamente a

⁶ Trabalho oito horas por dia/ Empregada em serviço mal pago./ À noite eu faço um poema./ (Só faltava essa, meu pai diria.)// Se faz bom tempo, viajo/ Riscando a lápis um mapa./ Mas se chove eu espero/ Pela tal da felicidade... (KALÉKO, 1999, p. 8) [Tradução minha]

carência verificada no trabalho fora de casa. E aqui eu talvez me aproxime da questão principal: a poesia não se lê imediatamente como resistência à aniquilação da personalidade pelas circunstâncias mais difíceis da vida urbana. Por outras palavras, seria fácil concluir que as dificuldades da solidão na cidade encontram uma contrapartida suficiente na prática poética, no exercício criativo. Este raciocínio até me parece viável em alguma medida, mas não sem colocar ao menos duas pedras no caminho.

O primeiro problema, se não me engano, é que nessa mesma forma de resistência à dissolução do eu na cidade pode estar a própria armadilha social, se equacionarmos os riscos da valorização generalizada da intimidade e da personalidade, e de suas formas narcísicas, que invadem a cena pública desde o século XIX, sobretudo, como notou Richard Sennett em estudo já clássico, *The fall of public man* ou *O declínio do homem público*, em português. Como se sabe, o estudo de Sennett enxerga uma crise nas sociedades modernas provocada por uma transformação dos espaços públicos não mais regulados por critérios propriamente condizentes com a noção de esfera pública, crise identificada pela observação de uma realidade social que se organiza amplamente em termos psicológicos e assim prejudica as relações civis e a própria civilidade, e também a individualidade, que perde um fundamento seu, que é a faculdade de agir em público segundo as convenções mais criativas do jogo e da representação. Como diz Sennett, “a sociedade intimista faz do indivíduo um ator privado de sua arte” (2014, p. 380), quer dizer, a sociedade intimista, se avalio bem a frase e o conteúdo que ela encerra, produz um ambiente que não nos livra da condição de atores, mas dificulta o palco e as práticas de encenação que regulam de certo modo a manutenção do espaço público e da individualidade. Eu peço licença para citar um trecho mais longo, porque o próprio autor deve apresentar melhor a sua tese (a tradução é de Lygia Araujo Watanabe):

A crença hoje predominante é que a aproximação entre pessoas é um bem moral. A aspiração hoje predominante é de se desenvolver a personalidade individual através de experiências de aproximação e de calor humano para com os outros. O mito hoje predominante é que os males da sociedade podem ser todos entendidos como males da impessoalidade, da alienação e da frieza. A soma desses três constitui uma ideologia da intimidade: relacionamentos sociais de qualquer tipo são reais, críveis e autênticos, quanto mais próximos estiverem das preocupações interiores psicológicas de cada pessoa. Essa ideologia transmuta categorias políticas em categorias psicológicas. Essa ideologia da intimidade define o espírito humanitário de uma sociedade sem deuses: o calor humano é nosso deus. A história do

surgimento e do declínio da cultura pública faz com que, no mínimo, esse espírito humanitário seja posto em questão. (SENNETT, 2014, p. 373)

O ponto do secularismo é interessante aqui, pois implica também um vínculo entre a exigência de intimismo e o entendimento negativo da solidão em sociedade. Agora, o estudo de Sennett é muito amplo e não é o objetivo aqui discutir seus pontos críticos. Aqui o interesse é específico e se apoia, de um lado, na verificação diária da atualidade dos seus argumentos centrais e, de outro, na relação aparentemente necessária entre uma sociedade na qual a intimidade se tornou um parâmetro de comportamento público e a solidão uma fonte para o sofrimento. Na poesia de Mascha Kaléko, a imagem do apartamento mobiliado é típica nesse sentido e comunica mais de uma vez o incômodo de não ter sequer os móveis em casa como extensão da própria personalidade. O apartamento aqui aparta não só uma pessoa das outras pessoas. O apartamento aqui aparta a pessoa de si mesma, porque nem mesmo em casa ela se sente inteira.

Enfim, um estudo demorado, fosse o caso, poderia reconhecer na poesia de Mascha Kaléko mais adequadamente as realidades que se leem de maneira crítica no estudo de Richard Sennett preocupado com a ideologia da intimidade e seus efeitos nocivos à vida comum. No entanto o meu desejo, encaminhando uma conclusão, é sugerir uma perspectiva para a leitura dos versos de Mascha Kaléko neste quadro sem fazer desses versos uma demonstração do diagnóstico de Sennett e muito menos uma solução para o problema. Não é possível afinal – e nem mesmo necessário – eximir a poesia de Mascha Kaléko de uma participação ideológica nos valores do seu tempo. Também nós não falamos com absoluta clareza das realidades que acusamos problemáticas. Pelo contrário até: muitas vezes falamos das realidades que mais nos incomodam porque as conhecemos de perto e as surpreendemos em nós, e falamos com a esperança secreta quase de exorcizar o que formulamos. Um bom exemplo nesse sentido é o poema “*Mannequins*”. O poema fala da redução da personalidade feminina a um corpo-mercadoria, isto é, o poema faz a crítica dessa redução, muito clara, por exemplo, nos dois versos seguintes: “*Bedingung: stets vollschlank, diskret und – lieb./ (Denn das ist der Firma Geschäftsprinzip.)*”.⁷ Nós dificilmente discordaríamos dessa crítica, no que ela tem de denúncia, na recusa que ela mostra da exploração de moças magras e sorridentes

⁷ Condição: magra, discreta e – princesa/ (Este é o lema da nossa empresa.) (KALÉKO, 1999, p. 10) [Tradução minha]

como bonecas prontas para vender alguma coisa. Entretanto, nós nem sempre percebemos como a crítica do manequim inclui também uma crítica da máscara, e nesse sentido uma crítica da personalidade reprimida, ainda que se fale de um espaço público. Quer dizer, não me parece improvável que a gente participe até certo ponto da ideologia da intimidade na leitura do poema, na medida em que sentimos a dificuldade de separar, num primeiro momento, a crítica do trabalho exploratório e a crítica da personalidade oprimida. A crítica do manequim inclui assim potencialmente entre os seus efeitos o receio que temos de não ser alguém exclusivo e o medo de apenas sermos o que nos esforçamos por parecer. Desse modo, tanto o poema quanto o espelho sutil que ele insinua fazem ver a ameaça da intimidade como ideologia. A questão que se coloca, por conseguinte, é: será possível contornar essa ameaça na leitura dos poemas de Mascha Kaléko? Aqui eu topo com a segunda pedra no caminho, que basicamente consiste na possibilidade de definir uma poesia que tensiona essa ideologia mas também aponta para a sua ultrapassagem. Aqui voltam finalmente os temas da cidade e da solidão social.

Para esboçar essa definição de uma poesia em condições de ultrapassar em alguma medida a ideologia da intimidade é preciso, em primeiro lugar, considerar o aspecto formal nas composições de Mascha Kaléko. Gostaria de citar por essa razão uma última vez o estudo de Sennett. É que o raciocínio estaria incompleto sem mencionar a questão do narcisismo. A ideologia da sociedade intimista prevê uma inflação narcísica e o estudo de Sennett verificou bem alguns dos seus efeitos, entre eles uma redução na qualidade das relações simbólicas:

O resultado da versão narcisista da realidade é que os poderes expressivos dos adultos ficam reduzidos. Eles não podem brincar com a realidade, porque a realidade só lhes interessa quando de algum modo promete espelhar necessidades íntimas. O aprendizado de autodistanciamento na infância, através da experiência da brincadeira, aprendizado a respeito daquilo que ao mesmo tempo é expressivo e sociável, é sobrepujado na vida adulta pela ativação cultural de um princípio contrário de energia psíquica. (SENNETT, 2014, p. 468)

Quer dizer, o narcisismo implica um encolhimento no potencial expressivo e simbólico porque ele exclui do campo de interesses da pessoa praticamente tudo que não diz respeito à própria pessoa, inclusive a realidade. Agora, como dizia um autor contemporâneo de Mascha Kaléko, Hermann Broch, a gente não deve recusar a presença do narcisismo no artista porque sem o processo de superação do narcisismo não há

propriamente arte (1981, p. 341). E a superação do narcisismo na poesia de Mascha Kaléko me parece também dependente do seu domínio técnico, que não dá a impressão de submeter a forma à expressão e nem as ideias às exigências da composição, e talvez faça mesmo encontrar o pensamento e a comunicação desse pensamento, o que não apenas caracterizaria uma boa lírica, como é algo imprescindível para que se exceda na realização estética o âmbito pessoal implicado em sua origem. Isto é, há objetividade na poesia de Mascha Kaléko como resultado artístico capaz de converter questões individuais em coletivas sem se converter em receituário de boas práticas. Essa transformação está ligada, portanto, à capacidade de a forma poética ser um exercício antinarcísico, se estiver, entre suas prioridades, mais que a expressão, o pensamento e a comunicação, como tem sido, sempre, nos melhores escritores.

Já com relação ao teor social da solidão nos poemas de Mascha Kaléko, eu vejo aí uma esperança, quase um otimismo: antes de tudo a esperança de não estarmos condenados à solidão, como sugere a metafísica de um mundo religiosamente desconjuntado. A importância da cidade aqui é enorme. No presente, neste isolamento necessário à preservação da vida e dos sentidos coletivos que ainda existem, ficou outra vez evidente que a solução individual não é a melhor solução; ficou evidente como a maioria de nós está presa a hábitos contrários à vida comum, e para muitos de nós a cidade também fez falta, mesmo a solidão da cidade, que não deve ser uma solidão sem saída. Eu não poderia e não gostaria também de desdobrar aqui os argumentos favoráveis à visão da cidade como um espaço potencialmente democrático e progressista, transformador das relações, estimulante da diversidade e da criatividade, e capaz de aproximar as pessoas. Eu sei que, apesar das minhas boas intenções, não é bem isso o que se vê diariamente por aí. Agora, é plausível assumir que o futuro da vida depende igualmente do futuro da vida urbana e de não sermos as ilhas isoladas que fingimos ser, confundindo insatisfeitos o próprio sentido público da representação de si, como fazem no momento, por sinal, as “redes sociais”, que instituem muitas vezes a contradição esquisita de um baile de máscaras de identidade e confissão. Mas, voltando à poesia de Mascha Kaléko, antes que o meu discurso tome outro rumo ou pareça pregação, o que seria pavoroso, importa sobretudo dizer que o teor social da solidão nos seus versos não se resume na verificação do sofrimento do cidadão ou da cidadã solitária resultante de causas sociais, em síntese, de uma organização do trabalho, do lazer e da vida afetiva no contexto da cidade moderna e ultracapitalista. Primeiro porque ela não representa

apenas sofrimento e solidão, e o sofrimento e a solidão que a poesia de Mascha Kaléko expõe não eliminam a esperança à qual me referi, isto é, a de ter na cidade um espaço efetivo para relações efetivas. A solidão na cidade não deixa esquecer a vida comum, como mostram finalmente dois poemas afins também incluídos em *Das lyrische Stenogrammheft*. Um deles é “*Krankgeschrieben*”, sobre um dia todo em casa, um dia de exceção, porque, doente, não se foi trabalhar. É interessante como é explorado nesse poema o sentimento até certo ponto agradável, apesar do desânimo, de uma temporária exclusão da “vida que pulsa” na cidade. Esse sentimento talvez seja agradável também porque não se fala aqui diretamente em solidão, pelo contrário: a doença ocasiona a visita de amigos e parentes. Assim um dos temas aqui, implicado no sentido que emana das composições lidas em conjunto neste livro, é justamente o rompimento com a solidão, nas condições excepcionais da doença. E não são apenas os conhecidos do doente os responsáveis por esse rompimento. Há também os desconhecidos, um vendedor que bate à porta, os sons de um amolador ou de um realejo, que já não se deixam qualificar bem como “desconhecidos” e parecem, antes, corresponder ao fenômeno corrente desses “estranhos familiares”, por assim dizer, muito presentes no cenário urbano, como sabe todo cidadão curioso.

O outro poema que relaciona de modo particularmente interessante a solidão e a vida comum na cidade em *Das lyrische Stenogrammheft* é “*Wenn man nachts nicht schlafen kann...*”. Agora não é a doença, como se vê, mas a insônia que promove essa relação. Ocorre porém algo semelhante: os desconhecidos são aqui também conhecidos, num certo sentido, companheiros de solidão, como mostram, com humor, as duas estrofes seguintes:

*Von der Straße tönt Gesang:
Durch die mondbeglänzte Stille
Wankt ein Mann aus der Destille,
Glücklich, weil er sich betrank.*

*Leise bellt ein Hund im Traum,
Und im Hausflur blüht die Liebe. –
Still zur Arbeit ziehen Diebe,
Ihre Schlüssel hört man kaum...⁸*

⁸ “Um canto ecoa da rua:/ No silêncio banhado de lua/ Cambaleia um homem animado,/ Porque vem do boteco chumbado.// Como em sonho ladra um cão,/ E a paixão no hall floresce. —/ Ao trabalho os gatunos vão/ Os seus pés não se ouvem quase...” (KALÉKO, 1999, p. 12) [Tradução minha]

Nos dois poemas, “*Krankgeschrieben*” e “*Wenn man nachts nicht schlafen kann...*”, a primeira pessoa está em casa, deitada. Nos dois casos, na doença e na insônia, a gente sabe, a solidão aperta. Contudo, na cidade, nesses dois poemas, não há solidão completa em nenhum dos casos, se houver atenção. Os apartamentos já não apartam totalmente agora, não podem isolar completamente o cidadão da cidade. Isso pode ser uma desvantagem, se o objetivo for apenas ficar em paz. Mas, se importarem igualmente, passando pela dificuldade de separação dos ambientes privado e público, que sozinhos não parecem bastar; se importarem igualmente aquelas formas de solidão que não se esquecem da vida coletiva, como vimos em Sêneca e Montaigne; e se importarem ainda nos tempos modernos a superação do ensimesmamento e a reposição de uma vida coletiva menos marcada pelo individualismo, então vão interessar também esses poemas que, bem-construídos e não raro objetivamente graciosos, questionam o sentido da solidão social e fazem coincidir o sofrimento e a esperança, o isolamento e a companhia na cidade.

Referências

BROCH, Hermann. *Briefe 2 (1938-1945). Kommentierte Werkausgabe*. Edição de Paul Michael Lützeler. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1981.

KALÉKO, Mascha. *Das lyrische Stenogrammheft*. Hamburg: Rowohlt, 1999.

MONTAIGNE, Michel de. *Os ensaios: Uma seleção*. Organização de M. A. Screech. Tradução de Rosa Freire d’Aguilar. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010.

SÊNECA. *Sobre a ira. Sobre a tranquilidade da alma*. Tradução de José Eduardo Lohner. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2014.

SENNETT, Richard. *O declínio do homem público. As tiranias da intimidade*. Tradução de Lygia Araujo Watanabe. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2014.